

COMEÇOU A CAMPANHA ELEITORAL

CONTINENTE 10\$00 - ILHAS 12\$50 - FRANÇA 4 fr. - CANADA 85 cts.
POR AVIÃO: ANGOLA 17\$50 - MOÇAMBIQUE 20\$00

PP. VM

UNIVERSIDADE DE LISBOA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
25 DE ABRIL

IMPORTAÇÕES

AS PEQUENAS COISAS E AS GRANDES COISAS

(III)

Vimos anteriormente a importância que, sob vários aspectos, revestiam as «pequenas importações». Recordamos o facto de que, embora nos tenham já surgido, a esse nível, questões de dependência externa, as principais implicações que encontramos se situavam no plano interno, quer no que toca a padrões de consumo, quer na utilização de capacidades de produção desaproveitadas e de reservas de criatividade adormecidas.

Já no que diz respeito às «grandes importações», são vitais, como vamos ver, os problemas de dependência externa, tendo as respostas de ser distintas consoante os produtos em causa.

AS GRANDES COISAS

Em 1973, as importações portuguesas, segundo nossa estimativa, distribuíram-se aproximadamente da seguinte forma, por grandes grupos de produtos:

Produtos alimentares	12 milhões de contos		
Matér.-primas básicas	11	»	»
Bens intermédios * ...	20	»	»
Bens de equipamento	27	»	»
Bens de consumo não-alimentares	5	»	»
TOTAL	75	»	»

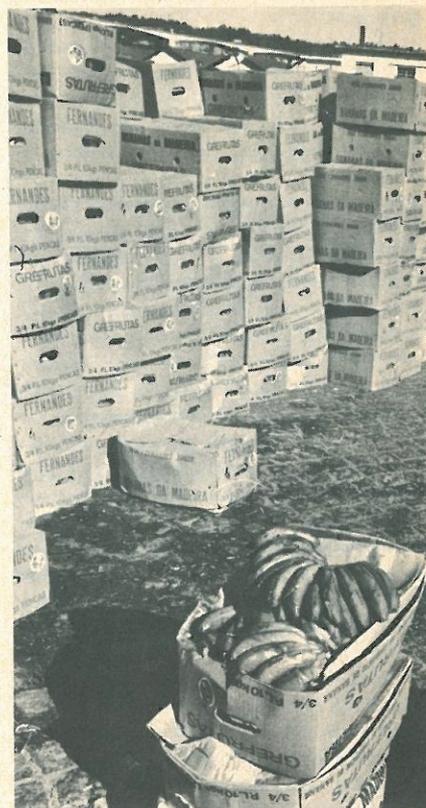
* *Matérias-primas para a indústria, que são já resultantes de um processamento industrial.*

Aquilo a que chamámos pequenas importações encontram-se compreendidas quase por inteiro no último grupo mencionado.

Vamo-nos agora ocupar muito sumariamente dos restantes 4 grupos, e dentro deles dos produtos que maior parcela representam do total. Para o efeito organizámos um quadro (quadro II), onde se pode observar quem são os nossos principais fornecedores.

Julgamos que o exame cuidadoso deste quadro será, só por si, extremamente fecundo, pelo que apenas adiantamos alguns comentários.

Em primeiro lugar, pode concluir-se que a nossa dependência dos grandes países industrializados — aqueles que mais directamente nos podem causar problemas de restrições ou mesmo «bloqueio» com objectivos políticos — se situa principalmente em três grandes sectores: cereais, bens intermédios e bens de equipamento. Que fazer? Quanto aos cereais (e bem assim a carne e o azeite) há duas vias, a percorrer simultaneamente: diversificação de mercados abastecedores — o que nem sempre será particularmente fácil — e incremento decidido da nossa produção agrícola (e pecuária). Convidando não esquecer que se não houver resposta suficientemente rápida da segunda via, poderá não ser de excluir a necessidade de restrições do consumo (admitindo que se não quer «estoiar» rapidamente, e por via digestiva, as reservas do Banco de Portugal...). No que se refere aos bens intermédios e aos bens de equipamento, os únicos mercados abastecedores de substituição são os dos países de Leste. Mas, quanto aos segundos, admitimos que seja neces-



sário, durante um ou dois anos, para além de alguns grandes investimentos já em curso ou a ser lançados, limitar fortemente as aquisições de bens de equipamento — restringindo-se às substituições estritamente indispensáveis e a algumas pequenas/médias unidades, em particular as que constituam apoio ao desenvolvimento agrícola.

Em segundo lugar, registre-se a necessidade evidente de:

- Incrementar o esforço de pesca, nomeadamente de bacalhau.

NOTAS

1) — O total obtido para os principais produtos dos três primeiros grandes grupos representa 54,5 por cento do total de importações desses mesmos grupos.

2) — O 4.º grupo — bens de equipamento — é extremamente diversificado, pelo que se torna difícil o apuramento por «produtos principais». De qualquer modo, pode indicar-se que mais de 90 por cento dessas importações provêm de países industrializados.

3) — Uma importação importante não registada é a de «produtos farmacêuticos», que engloba «bens intermédios» e «bens de consumo», e que atinge um valor superior a 1 milhão de contos (Suíça, 48 por cento, Alemanha, 14 por cento).

QUADRO II
ALGUMAS «GRANDES» IMPORTAÇÕES (1973)

Designação	Valor (contos)	PRINCIPAIS FORNECEDORES	
		Países industrializ. (%)	Países 3.º Mundo (%)
PRODUTOS ALIMENTARES			
Carne de bovino e suíno	800 000	Suécia, 17,5	Brasil, 23
Bacalhau	640 000	Espanha, 51,6 Islândia, 44,2	
Bananas	370 000		Angola, 98,4
Café	350 000		Angola, 94,3
Trigo	740 000	E. Unidos, 84,5	
Milho	2 060 000	E. Unidos, 61,7	Argentina, 17,9
Sorgo	560 000	E. Unidos, 31,6	Argentina, 68,2
Amendoim	450 000	E. Unidos, 37,6	Brasil, 19,1
Girassol	330 000	E. Unidos, 47,3	
Azeite	540 000	Espanha, 100	
Açúcar em Rama	1 100 000		Moçambique, 55,8 Brasil, 27,8
MATÉRIAS-PRIMAS DE BASE			
Fosforites	140 000		Marrocos, 84,3
Minério de Ferro	190 000		Angola, 33,7 Brasil, 32,1
Hulha	280 000	E. Unidos, 73,6	
Petróleo bruto	3 160 000		Arábia Saudita, 43,9 Iraque, 30,5 Moçambique, 22,9 Turquia, 17,3 Brasil, 16 Angola, 15,8
Algodão em rama	3 460 000		
Lã em rama	540 000	Austrália, 29,3 N. Zelândia, 21,7 Áf. Sul, 23,5	
Sisal	390 000		Brasil, 52,7 Angola, 32
Peles em bruto	450 000	Áf. Sul, 12,2 França, 10,9 Canadá, 10,6 Austrália, 10,4	
BENS INTERMÉDIOS			
Fibras sintéticas	1 960 000	R. Unido, 31 Alem. Oc., 20,5	
Plásticos básicos p/ moldação	1 090 000	Alem. Oc., 25,4 Outros CEE, 50,5	
Produtos de base para corantes	720 000	Alem. Oc., 43,5	
Chapa de aço (média e forte)	750 000	Alem. Oc., 40,6 Suécia, 13,9 Japão, 16,4	
Conjuntos p/ montagem de automóveis	2 350 000	Japão, 26 R. Unido, 23 Alemanha, 18,6 França, 14	
TOTAL	23 420 000		

- Desenvolver a cultura de oleaginosas (cártamo, girassol, etc.).
- Avançar, tão rapidamente quanto possível, mas numa perspectiva conjunta agrícola-pecuária-industrial, com os projectos de beterraba açucareira.
- Procurar a forma mais racional de tirar partido das reservas de ferro de que dispomos.
- Lançar um programa muito drástico de economias de energia (a nível particular e industrial), com restrições ao consumo, se necessário.
- Estudar a fundo o interesse do fabrico de chapa de aço (com excedentes facilmente exportáveis).
- Reduzir fortemente a utilização do automóvel particular.

Outras conclusões, e muitas outras se poderão tirar, deixamo-las ao cuidado do leitor. Mas não queremos deixar de recordar que, mesmo abstraindo dos problemas derivados dos nossos «compromissos económicos internacionais» (a que nos referimos na primeira parte deste artigo), ou, talvez melhor, em articulação com eles, podem surgir-nos dificuldades consideráveis para continuar a manter os nossos mercados de exportação — que são, na sua maioria, também os países industrializados. O mesmo é dizer que uma política de restrição/diversificação de importações exige um esforço simultâneo de rápida diversificação de mercado de exportação.

Mais cruamente: pode reear-se que se deixarmos de importar bombons suíços ou aparelhos fotográficos alemães, os suíços ou os alemães deixem de nos comprar vinhos, conservas ou confeccões. É de reear. Mas se isso suceder, é também de esperar que se não perca a oportunidade para explicar aos portugueses, com base em tais ou em outros exemplos, o que é na prática o imperialismo. Ou seja, como os países capitalistas «amigos» sabem actuar no sentido de sufocar uma experiência política que não lhes agrada. E julgamos que a partir da compreensão destas coisas na prática (e não apenas com discursos anti-imperialistas) se poderão desenrolar redobradas energias para prosseguir no processo político que muito bem entendermos, ainda que isso custe algumas restrições, talvez severas — elas serão o preço da independência.

JOÃO MARTINS PEREIRA